

# **METAPESQUISA EM COMUNICAÇÃO**

O interacional e seu capital  
teórico nos textos da Compós

## Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-Rio  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

## Realização e apoio:

O grupo de pesquisa *Campo Comunicacional e suas Interfaces*, cadastrado no CNPq, dedica-se a pesquisar os fundamentos do campo da comunicação e suas interfaces com outras áreas de conhecimento. Tem por objeto central de estudo desenvolver metapesquisas sobre a produção acadêmica em Comunicação, com ênfase aos processos de midiáticação e interação comunicativa e/ou midiaticada.



Grupo de Pesquisa  
**CAMPO COMUNICACIONAL  
E SUAS INTERFACES**  
PPGCom PUC Minas

# METAPESQUISA EM COMUNICAÇÃO

O interacional e seu capital  
teórico nos textos da Compós

**Organizadores:**

Maria Ângela Mattos  
Ellen Joyce Marques Barros  
Max Emiliano Oliveira



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2018

Capa: *Humberto Nunes*

Editoração e projeto gráfico: *Vânia Möller*

Preparação de originais: *Patrícia Guimarães Gil*

Revisão: *Lilian Claret Mourão Bahia, Simone Ceré*

Normalização: *Thereza Helena Prates Scofield e André Luiz Álvares Silva*

Revisão gráfica: *Marcelo Rubim de Lima*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

M587

Metapesquisa em comunicação: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós / organizado por Maria Ângela Mattos, Ellen Joyce Marques Barros e Max Emiliano Oliveira. – Porto Alegre: Sulina, 2018.  
422 p.

ISBN: 978-85-205-0815-2

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3 Pesquisa em Comunicação. I. Mattos, Maria Ângela. II. Barros, Ellen Joyce Marques. III. Oliveira, Max Emiliano.

CDU: 070  
316.77  
CDD: 070  
302.23

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Abril/2018}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

# AGRADECIMENTOS

*Maria Ângela Mattos*

Agradeço aos pesquisadores que participaram desta produção coletiva, sem os quais não haveria fôlego suficiente para finalizar um trabalho que vem sendo realizado desde 2001, especialmente àqueles que se dedicaram às fases capitais de concepção do projeto. Elas começaram com as leituras flutuantes dos artigos da Compós e com o processo de seleção, incluindo a formulação do modelo de classificação, sistematização e processamento dos dados. Meu agradecimento se estende aos que participaram da elaboração e execução do roteiro de mapeamento dos textos e, em especial, do item “memos” (que compreende as análises preliminares dos *papers*, com anotações sobre noções e conceitos de interações desenvolvidas pelos articulistas, bem como as contribuições ou limitações das perspectivas acionadas por eles para a constituição do capital teórico). São eles: Ricardo Villaça, Thiago Crivelaro, Rafael Drumond, Wilson Milani, Paula Lima, Ellen Barros e Max Oliveira.

Meu reconhecimento especial a Ellen Barros pela competência, empenho e dedicação à metapesquisa de 2012 até a finalização do trabalho – inicialmente como bolsista de iniciação científica e depois como voluntária –, tendo participado do processo de organização, seleção e refinamento dos critérios de constituição do *corpus* até a análise e interpretação dos resultados finais da metapesquisa. Outro agradecimento singular dirige-se ao Max Oliveira que também participou de todo esse processo, além da interlocução permanente, mesmo no período em que estava afastado do grupo para se dedicar à sua pesquisa de mestrado.

Agradeço ainda:

- A Nilda Jacks que teve um encontro com o grupo de pesquisadores no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), trazendo contribuições valiosas para o início da metapesquisa. Sua colaboração foi fundamental para a delimitação do recorte do

objeto, bem como para o processamento dos dados, além de ter indicado leituras de textos teóricos e metodológicos a respeito de metainvestigações. Jacks também aceitou prontamente o convite para elaborar o prefácio desta publicação com um título sugestivo, “Reflexividade à vista!”. Ela relata sua primeira experiência com a leitura do “estado da questão” sobre as culturas populares, retomando as reflexões de diversos autores sobre o valor desse tipo de investigação que prefere denominar de “estado da arte”.

- A Alex Niche, sociólogo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), indicado por Nilda, que realizou dois cursos de capacitação da equipe para operar, processar os dados e criar as categorias conceituais no Nvivo, programa fundamental na fase inicial da pesquisa para sistematizar as informações de 1.197 textos da Compós.
- A José Luiz Braga, um dos autores de importância vital para essa metapesquisa, que aceitou o convite inicial para escrever o posfácio do livro. Esta primeira proposta foi então transformada em uma carta que, posteriormente, denominamos “interfácio” em razão de ter sido escrita durante o processo de elaboração das análises. Generosamente, Braga aceitou não apenas fazer uma leitura atenta e criteriosa de todo o material escrito até aquela ocasião (janeiro de 2017), como também produziu um relato valioso e instigante sobre o processo em curso.
- Aos autores convidados para participarem da segunda parte da publicação, começando pelo ex-integrante do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces, Rafael Drumond; a ex-bolsista Ellen Barros e a voluntária Bárbara Heleno; ao professor Luiz Mauro Sá Martino, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Faculdade Cásper Líbero, que vem trilhando a investigação epistemológica como integrante do GT dessa área na Compós e é autor de diversos trabalhos; às bolsistas de iniciação científica Alana Claro e Stéfanni Meneguesso Mota, integrantes do grupo de pesquisa Teorias e Processos de Comunicação, também sediado nesse Programa; e à nossa querida parceira, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Ângela Salgueiro Marques.

- Ao meu estimado colega e professor Raúl Fuentes Navarro que supervisionou meu estágio pós-doutoral no México, no Departamento de Estudios Socioculturales da Universidade Jesuíta de Guadalajara/ITESO/México, onde desenvolvi a metapesquisa “Capital teórico das interações comunicacionais e/ou midiaticizadas: estudo comparativo da produção acadêmica no Brasil e México durante a década de 2000 e suas contribuições para o avanço das pesquisas latino-americanas em comunicação”. Fuentes aceitou carinhosamente o convite para elaborar o posfácio do livro.
- Aos pesquisadores dos grupos de trabalho (GTs) da Compós Práticas da Comunicação e Linguagens da Comunicação e Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiático, além dos pareceristas Ivana Fechine, Edison Gastaldo, Marcus Nicolau e João Batista Freitas Cardoso. Todos eles foram interlocutores dos *papers* apresentados ao longo de todo o processo de desenvolvimento desta metapesquisa.
- Aos colegas do PPGCom da PUC Minas e integrantes dos três colegiados do Programa, coordenados pelos professores Júlio Pinto, Eduardo de Jesus e Mozahir Salomão Bruck, que sempre nos apoiaram na realização deste trabalho; em especial, à professora Teresinha Maria Cruz Pires que nos forneceu subsídios metodológicos à constituição do *corpus*.
- À secretária administrativa do Programa, Isana de Oliveira, à Camila Fernandes, além da equipe do suporte técnico da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, que nos forneceram o apoio necessário para as várias atividades.
- Ao ex-aluno do mestrado Vinícius Lacerda que criou e produziu a logomarca do nosso grupo de pesquisa.
- Ao colega Mário Viggiano que se responsabilizou pelas traduções de textos.
- À professora Vera França que aceitou gentilmente o convite para refletir sobre o sistema de classificação das matrizes e que, durante um agradável lanche, lançou novo olhar sobre às áreas de investigação identificadas no *corpus*.
- Aos profissionais e amigos que participaram do processo de produção, revisão, normalização e edição do livro: Lílian Bahia (uma

das mais novas integrantes do grupo de pesquisa e revisora dos textos), ex-aluna e orientanda de TCC do curso de Jornalismo na PUC Minas Thereza Helena Prates Scofield, e André Luiz Álvares Silva (responsáveis pela normalização dos textos), bem como Patrícia Guimarães Gil (editora da publicação).

- Aos meus queridos irmãos Heloíza, Marco Antonio, Mércia e Moacyr, os maiores incentivadores e apoiadores desta jornada.
- À equipe da biblioteca da PUC Minas (Setor Ficha Catalográfica) que nos orientou sobre dúvidas relativas a referências e realizou buscas bibliográficas.
- Ao Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da PUC Minas, Sérgio Hanriot, e à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) – agência responsável pelo financiamento da pesquisa entre 2011-2013 – que nos garantiram os recursos técnicos, humanos e financeiros necessários para a realização da metapesquisa.



# SUMÁRIO

11	PREFÁCIO <i>Nilda Jacks</i>
15	APRESENTAÇÃO <i>Maria Ângela Mattos</i>
	<b>PARTE I</b> A INTERAÇÃO COMUNICACIONAL E/OU MUDIATIZADA: metapesquisa dos textos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) durante a primeira década de 2000
27	METAPESQUISA EM COMUNICAÇÃO: mapa de um percurso metodológico <i>Max Emiliano Oliveira</i>
41	À GUIA DE CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E DO MÉTODO <i>Maria Ângela Mattos</i>
55	EIXOS DE INVESTIGAÇÃO: perspectivas teóricas e interpretação <i>Maria Ângela Mattos</i> <i>Ellen Joyce Marques Barros</i> <i>Max Emiliano Oliveira</i>
56	I) Sociocultural
99	II) Cibercultural
138	III) Sociopolítico
171	IV) Sociodiscursivo
198	V) Comunicação/Interação Mediada
230	VI) MUDIATIZAÇÃO
249	VII) Críticas da Comunicação
279	VIII) Epistemológico
325	CONSIDERAÇÕES FINAIS O OLHAR TRANSVERSAL SOBRE A METAPESQUISA: inferências e avanços

## **PARTE II**

### TRAVESSIAS COMUNICACIONAIS

- 334 UMA TRAJETÓRIA EM FRAGMENTOS: aos pares  
*Rafael Drumond*
- 350 A CONSTRUÇÃO INTERSUBJETIVA DE UMA METAPESQUISA:  
compartilhando duas experiências de iniciação científica  
*Ellen Joyce Marques Barros*  
*Bárbara Lopes Heleno*
- 362 ACONTECIMENTO, DISPOSITIVO E AÇÃO: leituras epistemológicas  
da Comunicação em Ferrara, Braga e Marcondes Filho  
*Alana Claro*  
*Stéfanni Meneguesso Mota*  
*Luís Mauro Sá Martino*
- 377 HABERMAS E FOUCAULT: crítica social, ética  
e interações comunicativas  
*Ângela Cristina Salgueiro Marques*
- 407 INTERFÁCIO  
*José Luiz Braga*
- 413 POSFÁCIO  
*Raúl Fuentes Navarro*
- 419 SOBRE OS AUTORES

# PREFÁCIO

*Profa. Dra. Nilda Jacks – UFRGS*

## REFLEXIVIDADE À VISTA!

Destaco dois pontos importantes desta obra: o que trata do tipo de pesquisa aqui apresentada e o conteúdo e reflexões levantados pelo empreendimento. Ambos são muito relevantes e de grande valia para a área, entretanto, enfatizarei o primeiro ponto pelos motivos a seguir.

Começo por um relato pessoal sobre o valor da pesquisa desenvolvida pelos autores. Jamais esqueci o impacto da leitura da primeira análise desse tipo que caiu na minha mão. Ela abriu um mundo desconhecido sobre o assunto que começava a estudar durante o Mestrado em Comunicação. Era um texto de Carlos Rodrigues Brandão sobre culturas populares trazendo o estado da questão sobre o assunto: principais definições e conceitos, linhas e tradições teóricas, estudos e autores relevantes, tendências de pesquisa, entre outros aspectos. Fiquei fascinada, agradecida e convencida sobre a generosidade de estampar mapas como aquele!

É mesmo um mapa, uma cartografia, no sentido lato, para quem está entrando no campo ou mesmo para os iniciados que precisam tomar pé da situação, pois se trata de sistematização, identificação de referências, visibilidade dos estudos e autores, críticas a aspectos variados do fazer teórico e metodológico da produção na área em estudo.

Maria Immacolata Lopes, em um debate (1º Propesq, 2010<sup>1</sup>) sobre a importância desse labor, disse que se trata de um trabalho epistemológico, o que parece ir ao encontro do que José Luiz Braga chama de “desentranhar”, ou seja, construir um saber derivado das pesquisas de uma área, “potencializado por articulações reflexivas e transversais” (Braga, 2010, p. 404). Um saber de segunda ordem, de acordo com Jorge González (2007), a partir de pesquisas e estudos realizados anteriormente.

---

<sup>1</sup> Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). De 26 a 27 de agosto de 2010.

Jesús Galindo Cáceres (2005, p. 8) acompanha González nessa visão e considera que “Ocupado em outras tarefas – as dos ofícios e sua legitimidade acadêmica e profissional – o campo não tem dedicado muito do seu tempo a esses outros deveres técnicos, de construção teórica e metodológica”. Como consequência, o autor identifica uma escassez de pesquisas que alimentem o campo com informações sobre sua produção, concluindo por isso que “Os programas de pesquisa não existem, tampouco o desenvolvimento de uma cultura de pesquisa sólida e atuante. O que temos são exemplos, quase acidentes acadêmicos” (Cáceres, 2005, p. 9), como o que é apresentado aqui pelo trabalho minucioso dos autores para dar visibilidade à discussão sobre o tema da interação. Uma raridade muito bem-vinda.

Para Cáceres (2005, p. 9), com esse tipo de pesquisa

é possível reconstruir trajetórias especializadas, rotas de exploração e sistematização que permitem reconhecer o trabalho isolado e desconectado, como se houvesse uma trama e uma urdidura, como se existisse um movimento com relações múltiplas e trabalho consistente e contínuo. Ao realizar a reconstrução, aparece visível o que para o campo é opaco e inexistente. E com esse trabalho também aparecem os indicadores de possíveis programas de pesquisa, sustentados por possíveis culturas de pesquisa.

É um esforço de “produzir sentido” (Orozco, 1997) para o campo, dando relevo às distintas aproximações, tendências, debates e perspectivas desenvolvidas, cujos resultados podem apontar para uma direção na geração de conhecimento. Sem dúvida, é um ponto de partida informado sobre a produção campal, que exerce reflexividade sobre ela como um todo, com resultados que González (2007) nomeia como “cultura de conhecimento”.

De acordo com objetos e fontes, Eduardo Mourão Vasconcelos (2007, p. 159) qualifica a pesquisa sobre “aquilo que já foi escrito e/ou publicado por pesquisadores e analistas a respeito do tema”, a partir da seguinte tipologia: 1) teórica: o objeto é a própria problemática teórica e/ou conceitual em uma área específica; 2) estado da arte: detalhamento dos diversos tipos de produção de uma temática, apontando autores e tipos de estudos, tendências, perspectivas teóricas e metodológicas, problemas, desafios e prospectivas; 3) revisão bibliográfica ou literária: mais simples que os estados da arte e mais descritiva, tem a finalidade de avaliar a literatura sobre o assunto da pesquisa a ser iniciada; 4) revisão de pesquisa: focada

só nas pesquisas empíricas sobre o fenômeno; 5) análise secundária: retrabalhar por dentro os resultados de pesquisas, geralmente acrescentando análise e dados; 6) meta-análise: tipo particular de análise secundária, geralmente usada para comparar e retrabalhar dados internos de estudos quantitativos, experimentais ou quase experimentais. Segundo o autor, os três últimos são mais comuns no âmbito anglo-saxão e os três primeiros, os mais usados no Brasil.

Sabemos que localmente não há consenso sobre a nomenclatura, pois pesquisadores e orientadores que adotam sistematicamente esse procedimento concordam sobre sua imprescindibilidade, mas não sobre como nomeá-lo e qual sua amplitude. Expressões mais ou menos adequadas, com maior ou menor acuidade e uso, que circulam no cenário brasileiro, e sobretudo com reconhecimento no campo, são “estado da arte”, “estado da questão”, “metapesquisa”, “pesquisa da pesquisa”, conforme a filiação e preferência dos pesquisadores. Tenho preferência pela primeira expressão porque é internacionalmente aceita (*state of art*), evitando problemas de entendimento e significação em qualquer cenário, mas reconheço a pertinência do nome metapesquisa, como propõem os autores aqui, por reconhecer sua adequação e acuidade. Metapesquisa é o conhecimento de segunda ordem na perspectiva de González (2007), já referido acima, e, como o estado da arte, atua na escala macro de visão de campo.

Os demais tipos, com escopo mais reduzido, ajudam na construção de objetos de estudo, problemas, hipóteses e objetivos de pesquisa, quadros teóricos e construções metodológicas, que Jayme Paviani (2009) chama de sistematização do conhecimento (produção científica recente, clássicos da área, leituras indispensáveis), a qual permite “rever teorias, articular teorias, criticar teorias e propor, para cada projeto de pesquisa, o referencial teórico adequado” (Paviani, 2009, p. 92). Jorge González (2007), por sua vez, inclui esse tipo de levantamento no que chama “sistema de informação”, a qual com outros dados, precederia todo processo de construção de uma pesquisa, que depois de pronta requer um “sistema de comunicação” que a fará circular nos ambientes onde poderá exercer sua reflexividade.

Não tenho dúvida que o conhecimento produzido neste livro, que é parte do “sistema de comunicação”, reverterá em benefícios para o campo e outros afins, tanto em escala macro, incidindo no ensino e no cenário da

pesquisa nacional, quanto no nível micro das decisões relativas a projetos e pesquisas individuais e coletivas.

Porto Alegre, verão de 2017

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Análise Performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). *Pesquisa Empírica em Comunicação*. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.
- CÁCERES, Jesús Galindo. A recepção e a comunicologia (prefácio). In: JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker, 2005.
- GONZALEZ, Jorge. Por uma cultura de conocimiento. In: GONZALEZ, Jorge (Coord.). *Cibercultur@ e iniciación en la investigación*. México: CNCA, 2007.
- OROZCO, Guillermo. *La investigación de la comunicación dentro y fuera de América Latina*. Tendencias, perspectivas y desafíos del estudio de los medios. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.
- PAVIANI, Jayme. *Epistemologia Prática*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar*. Epistemologia e Metodologia Operativa. São Paulo: Vozes, 2007.

# APRESENTAÇÃO

*Maria Ângela Mattos*

Este livro é fruto de longa trajetória acadêmica que começou a ser desenhado a partir da pesquisa de doutorado sobre a formação teórica em comunicação social no ensino de graduação no contexto da universidade operacional<sup>1</sup>, evidenciando seus impactos e tensões no ensino na PUC Minas, particularmente sobre Teorias da Comunicação nas habilitações Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas<sup>2</sup>.

As reflexões germinadas na tese me conduziram a investigar com mais profundidade e sistematicidade os aspectos epistemológicos da constituição e do desenvolvimento do campo da Comunicação, seus dilemas, desafios e potencial para obter estatuto disciplinar no contexto das ciências sociais e humanas (CSH)<sup>3</sup>. Nessa linha de inquietação, criamos o grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces, em 2004<sup>4</sup>, e, a partir da realização de seminários conceituais e reflexivos sobre o campo (referenciados nos es-

---

1 Operacional é um modelo de universidade impulsionado a partir de meados da década de 1990 pelas políticas governamentais brasileiras voltadas ao ensino superior, valorizando o saber instrumental e especializado do estudante universitário. Foi instituído pela Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), de 1996, que representa a consolidação do processo de transformação da universidade em organização de mercado. Assim, a universidade passaria a operar com a mesma lógica e procedimentos técnico-administrativos e financeiros das empresas, desprovida de princípios ético-filosóficos, humanistas e sociais de formação acadêmica do universitário (Chauí, 1999).

2 Intitulada “Formação Teórica em Comunicação Social no Ensino de Graduação no Contexto da Universidade Operacional”, esta tese foi defendida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2002, sob orientação da Profª. Dra. Raquel Paiva Araújo Soares e coorientação da Profª. Dra. Sandra de Fátima Pereira Tosta, da PUC Minas.

3 Até a divulgação da Portaria da Capes n. 234 de 15/12/2016, que alterou o nome da área de “Ciências Sociais Aplicadas I” para “Comunicação e Informação”, a Comunicação constituía uma subárea de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas I.

4 Em sua fase inicial, o grupo de pesquisa foi integrado pelos professores José Milton Santos e José Francisco Braga, do curso de graduação em Comunicação Social da PUC Minas, sob minha coordenação. A partir da criação do mestrado em Comunicação Interações Midiáticas, hoje denominado Comunicação Social, o grupo cresceu e passou a ser integrado por professores e alunos da graduação e do mestrado.

tudos teóricos e epistemológicos da América Latina e Brasil<sup>5</sup>), iniciamos o desenvolvimento da primeira metapesquisa do nosso coletivo. Sua ênfase inicial foi a produção acadêmica dos alunos do curso de Comunicação Social da PUC Minas, das três habilitações existentes no período<sup>6</sup>.

Entendida como área de estudos destinada a promover uma autorreflexão sobre os princípios, fundamentos e procedimentos que orientam a prática científica de um determinado saber, a metapesquisa em comunicação é um trabalho sistemático de

[...] reconhecimento das condições concretas e específicas de nossa prática científica feita de tensões entre tradições e inovações intelectuais, de convergências e divergências entre categorias, conceitos e noções, de perspectivas multi, inter e transdisciplinares, da consciência crescente da complexidade do objeto da Comunicação (Lopes, 2003, p. 10).

No entendimento de Raúl Fuentes Navarro (2007), a metapesquisa tem se transformado nos últimos anos numa especialidade essencial para se reconhecerem os processos de institucionalização, profissionalização e legitimação da área acadêmica em Comunicação. Além disso, contribui para a construção de “‘mapas’ heurísticos que facilitam aos agentes responsáveis pelo seu gerenciamento e desenvolvimento a interpretação crítica que a determina” (Fuentes Navarro, 2007, p. 166). O autor argumenta ainda:

[...] vale a pena salientar que o “campo acadêmico” da comunicação enfrenta, de diversas formas, e em muitos lugares, uma série de desafios entre os quais a “fragmentação” ocupa o lugar central. Diante dessa preocupação, explícita e generalizada, mas insuficientemente documentada e explicada, a “autorre-

---

5 Os principais autores de referência que subsidiaram as leituras e debates dos seminários foram: Jésus Martín-Barbero, Raúl Fuentes Navarro, Jésus Galindo Cáceres, José Luiz Braga, Vera França, Antônio Fausto Neto, Muniz Sodré, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Luiz C. Martino, Lucrécia Ferrara, Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy, entre outros pesquisadores participantes do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, criado em 2001.

6 Financiada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP), a metapesquisa “Encontros e Desencontros com o saber comunicacional: um estudo da trajetória dos projetos experimentais da PUC Minas” centrou-se na análise e interpretação das interfaces desses trabalhos com outras áreas de conhecimento e nos métodos adotados, a fim de responder à pergunta central definida naquele momento para o estudo: “o que há de comunicacional nos aportes, conceitos, noções, objetos empíricos e métodos de pesquisa adotados nos trabalhos de conclusão de Curso durante o período 1995-2005?”.



flexão” sistemática e crítica transforma-se em necessidade acadêmica urgente face ao crescimento quantitativo do próprio campo e ao alargamento da consciência pública sobre “comunicação” (Fuentes Navarro, 2007, p. 167).

Inspirados nessas reflexões de Lopes e Fuentes sobre a importância da especialização para a construção do pensamento comunicacional e da estruturação do seu saber, elegemos como principal objetivo da primeira metapesquisa identificar e analisar “o que há de comunicacional” nos Trabalhos de Conclusão de Curso nas três habilitações, tanto em suas dimensões teóricas e conceituais quanto metodológicas. Os resultados principais desse estudo nos trouxeram várias inquietações sobre as dificuldades que essa área enfrenta diante da pluralidade de perspectivas emprestadas das disciplinas afins, sobretudo no que se refere à apropriação dos conhecimentos produzidos pelas áreas humanas e sociais não apenas como meros reprodutores de teorias, mas como agentes que formulam perguntas e modelos próprios. Em síntese, concluímos:

[...] tanto o universo da pesquisa quantitativa quanto o *corpus* qualitativo revelam a concorrência entre dois movimentos que dificultam a apreensão dos aportes produzidos no campo comunicacional: de um lado, a sua redução a um saber meramente aplicado e, de outro, a sua submissão aos conceitos, teorias e métodos construídos notadamente pela Sociologia. Destaca-se que essas formas de apropriação de outros saberes propiciam o desenvolvimento de *projetos sobre a comunicação*, ou seja, projetos que adotam um olhar exterior ao campo, e não projetos experimentais de comunicação que investigam suas especificidades e complexidades (Braga; Santos; Mattos, 2009, p. 138)<sup>7</sup>.

Quando finalizamos essa primeira investigação, o curso de mestrado em Comunicação Interações Midiáticas já estava em funcionamento (foi

---

7 Esse panorama revelou três aspectos problemáticos: i) os trabalhos que fazem interfaces com o Marketing adotam uma perspectiva técnico-instrumental, focados mais nos produtos do que nos processos; ii) parte expressiva dos trabalhos que fazem interfaces com a Sociologia deixa em segundo plano as questões comunicacionais e privilegia perspectivas históricas, sociais, políticas e culturais dos objetos investigados; iii) há baixíssimo número de projetos que realizam interfaces com as áreas afins às problemáticas comunicacionais: linguagens, gêneros, formatos, estética dos produtos midiáticos, além dos processos de recepção, mediação e interação comunicacional.

criado em 2006). Em 2010 submetemos à Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapemig) a segunda metapesquisa do grupo Campo Comunicacional e suas Interfaces: “A construção do capital teórico sobre os processos de interação midiática e midiaticizada nos artigos científicos apresentados nos eventos nacionais da Compós e Intercom durante os anos 2000<sup>87</sup>”. Naquela ocasião os seminários conceituais estavam a pleno vapor, e o grupo recebeu integrantes de novas gerações de alunos e de docentes. Nosso coletivo, que até então tinha apenas uma linha de pesquisa – a comunicação em sua dimensão epistemológica –, incorporou a questão das interações midiaticizadas com o intuito de investigar as pesquisas desenvolvidas sobre esse objeto de estudo no contexto da pós-graduação na área no país. Mantinha-se, portanto, a natureza epistemológica dos estudos, mas a nova linha pretendia eleger objetos emergentes nos estudos comunicacionais.

As razões de pesquisar as interações midiaticizadas e a midiaticização como processo acelerado de expansão em diversos países ocidentais, incluindo o Brasil, estão relacionadas ao crescimento quantitativo e qualitativo de estudos sobre esse fenômeno. Temos, sobretudo, o interesse em compreender o contexto em que esses estudos e reflexões se desenvolviam, identificar e analisar seus aportes teóricos e conceituais, bem como suas possíveis contribuições para a construção de um capital teórico sobre interações midiaticizadas. Apesar de não ser novo, o fenômeno da midiaticização espalha-se por diversas esferas da vida social (comunicacional, religiosa, política, cultural, entre outras). Sodré (2002), no livro *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*, já diagnosticava no início da década que

[...] a midiaticização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque das organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de tecnointeração –, caracterizada por

---

8 O título original desse projeto sofreu alterações ao longo do desenvolvimento da pesquisa em virtude da necessidade de reduzir o escopo da pesquisa, de um lado, e, de outro, ampliar o enquadramento conceitual e terminológico da questão a ser investigada. Nesse sentido, como teremos oportunidade de explicar mais adiante, o recorte incluiu somente os textos apresentados aos encontros anuais da Compós, durante o mesmo período. As concepções sobre os processos de interação não focalizaram apenas as interações midiáticas ou midiaticizadas, abrangendo outras noções e regimes de interação.

uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada de *médium* (Sodré, 2002, p. 21, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a midiatização é concebida pelo autor como uma tecnologia societal que estaria empenhada na criação de outro tipo de hegemonia ético-política (quase exclusivamente a serviço do capital e do mercado), implicando um novo modo de presença do sujeito no mundo. A midiatização possibilitaria um novo ambiente cultural que constituiria o *bios* midiático ou digital, vindo a se somar a outros gêneros de existência na *polis* classificados por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*.

Outras perspectivas permearam os estudos sobre a midiatização e a interação midiatizada, entre as quais destacamos, além de Sodré, as de José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto, que concebem a midiatização como um processo constituído historicamente com a participação efetiva da sociedade, do mercado e das instituições midiáticas – ou seja, não como um processo determinado unilateralmente pela mídia e aparatos tecnológicos. Nesse contexto, a midiatização se torna um processo interacional de referência tendencialmente prevalecente, apesar de Braga (2006) considerar que o termo “referência” diz respeito a certa centralidade de determinados modelos interacionais na estrutura da sociedade em relação aos demais.

Esse período de efervescência na agenda da pesquisa em comunicação foi marcado pela incorporação de novos objetos e enfoques e coincide com o crescimento exponencial dos programas de pós-graduação em Comunicação. Criados na década de 1970 a partir de iniciativas de cinco instituições – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (UMESP) e Universidade de Brasília (UNB) –, os PPGCom permaneceram inalterados por quase duas décadas. No entanto, 20 novos programas foram criados na década de 1990 e outros 35 nos anos 2000, totalizando 43 programas em todo o país aprovados pela Capes em 2013, sendo 20 cursos de doutorado, 43 mestrados acadêmicos e um mestrado profissional. Em outubro de 2017, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (Compós) contava com 51 programas filiados.

A partir de 2000 ocorreu também a diversificação dos grupos de trabalho (GTs) na Compós para atender às demandas dos pesquisadores engajados em novos objetos e áreas de pesquisa. Entre 2001 e 2010 houve aumento de oito para 12 GTs, em decorrência do processo de reclivagem que ocorre trienalmente<sup>9</sup>.

Ao final desse período, em 2010, nosso projeto de metapesquisa já contava com uma equipe de pesquisadores voluntários<sup>10</sup>, além de dois bolsistas (um de apoio técnico, Ricardo Costa Villaça, e outro de iniciação científica, Thiago Soares Crivelaro). Como primeira iniciativa promovemos seminários para debater os textos conceituais sobre a midiaticização e as interações midiaticizadas. A partir desse estoque básico de conhecimento iniciamos as leituras dos textos da Compós, como também criamos um roteiro de mapeamento e um sistema de classificação dos *papers* selecionados, que foram então processados na ferramenta Nvivo. Após um longo percurso de pesquisa (quanti-quali), constituímos o *corpus* dos textos posteriormente submetidos a diversos métodos analíticos. Esse processo será detalhado mais adiante.

Este livro foi estruturado em duas partes, além do prefácio, interfácio e posfácio, elaborados, respectivamente, pela professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Nilda Jacks, e pelo professor do Departamento de Estudios Socioculturales da Universidade Jesuíta de Guadalajara, México, Raúl Fuentes Navarro. A primeira – “A interação comunicacional e/ou midiaticizada: metapesquisa dos textos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) durante a primeira década de 2000” – dedica-se exclusivamente à metapesquisa e se estrutura em torno de três textos, abrangendo o percurso teórico e metodo-

---

9 Em 2003 foram criados os GTs de Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade; Foto, Cinema e Vídeo (substituindo o de Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual); e Cultura das Mídias. Outros GTs: em 2004, o de Políticas e Estratégias de Comunicação; em 2007, Comunicação e Cibercultura; Economia Política e Políticas de Comunicação (substituindo o de Políticas e Estratégias de Comunicação); Estéticas de Comunicação; Mídia e Entretenimento; e Recepção: Processos de Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos.

10 Na fase inicial do desenvolvimento do projet, contávamos com a participação de dois alunos da graduação e um do mestrado – Wilson Milani, Paula Lima e Rafael Drumond, respectivamente. A partir de 2012 o grupo aumentou o número de participantes, voluntários e bolsistas, como será relatado no texto elaborado por duas bolsistas da pesquisa, Ellen Barros e Bárbara Heleno: “A construção intersubjetiva de uma metapesquisa: compartilhando duas experiências de iniciação científica”.

lógico, desde seu início até a análise e interpretação dos resultados finais. Assim, no primeiro texto – “Metapesquisa em Comunicação: mapa de um percurso metodológico” –, Max Emiliano Oliveira, integrante do grupo de pesquisa que participou de quase todo o processo da investigação, discorre sobre os múltiplos olhares ao interacional. A partir desse mapa conceitual, ele rastreia as contribuições dos autores de referência para a constituição da metapesquisa, seus objetos teóricos e bases conceituais, bem como retoma o percurso metodológico do processo investigativo.

O texto seguinte – “À guisa de constituição do *corpus* e do método” –, de autoria de Maria Ângela Mattos, revisita todo o processo de produção do grupo de pesquisa e da sua circulação nos encontros anuais da Compós e nas publicações de periódicos da área. Esse processo foi fundamental para o amadurecimento da equipe de investigadores, abrindo horizontes conceituais e teórico-metodológicos ao longo da metapesquisa. Explícito o processo de constituição do *corpus* qualitativo da investigação, que ocorreu em três etapas, e a definição das estratégias metodológicas (híbridas e articuladas entre si). Em seguida essa discussão evoluiu para a fundamentação teórica dos procedimentos que orientaram esse estudo de casos múltiplos de 126 textos apresentados a seis grupos de trabalhos (GTs) da Compós durante a primeira década de 2000.

No terceiro texto – “Eixos de Investigação: perspectivas teóricas e interpretação” –, seus autores (Ellen Barros, Maria Ângela Mattos e Max Oliveira) promovem fecundo diálogo com e entre os textos do *corpus*, que se estruturaram em torno de oito eixos de investigação: Sociocultural; Comunicação/Interação Mediada; Sociopolítico; Cibercultural; Mídiação; Críticas da Comunicação; Sociodiscursivo; e Epistemológico. A opção por fazer uma leitura transversal dos *papers* – que se baseou no agrupamento dos textos por eixos investigativos, e não por GTs – permitiu analisar em profundidade os estudos desenvolvidos pelos autores dos *papers* mediante a apreensão das convergências, diferenças, tensões e complementaridades entre os diversos trabalhos do *corpus* e entre os textos dos diversos GTs. Mais que isso, esse procedimento contribuiu para identificar evidências do capital teórico das interações comunicacionais e/ou midiáticas nos *papers* a partir de suas marcas, reflexividade e interseções entre empiria, aportes, autores e obras de referência. Esse texto finaliza com considera-

ções e inferências acerca do capital teórico das interações comunicacionais e/ou mediados, imprimindo um olhar transversal sobre o objeto da pesquisa e colocando em relevo o próprio estatuto epistemológico da comunicação e as nossas hipóteses sobre este capital.

Na sequência, os dois primeiros textos da Parte II – “Uma trajetória em fragmentos: aos pares” e “A construção intersubjetiva de uma metapesquisa: compartilhando duas experiências de iniciação científica” – abordam a trajetória de três pesquisadores participantes da metapesquisa em diferentes momentos da investigação. No primeiro, Rafael Drumond, ex-voluntário da pesquisa que atuou de forma efetiva em momentos cruciais do processo, relata diversas questões relacionadas à formação acadêmica e profissional e aos desafios da construção do saber comunicacional e das pesquisas na pós-graduação da área, entre outras reflexões críticas acerca dos “obreiros do campo”. Drumond revisita nesse ensaio um conjunto de memórias e expectativas em relação ao campo científico da comunicação e à sua experiência coletiva no grupo de pesquisa, “uma escrita movida a riscos e afetos”. Para ele, a metapesquisa propiciou um espaço de convivência entre os amigos e colegas de trabalho. “Dos seminários temáticos às reuniões de muitas ponderações; da escrita dos artigos às deliberações mais corriqueiras do grupo, eu e meus colegas pudemos vivenciar um espaço aberto à participação e à troca de ideias, uma cultura de real escuta das proposições alheias, uma democracia até mesmo onerosa dos processos decisórios.” E ressalta: ainda hoje, três anos afastado do grupo de trabalho [enquanto pesquisador], não há encontro em que a pauta das “interações mediados” seja ignorada, concluindo que sendo a mediação um processo interacional de referência para todos nós, “ela se faz ainda como memória afetiva de uma fase multiplamente proveitosa”.

O segundo texto, elaborado pela bolsista Ellen Barros e a voluntária Bárbara Heleno, centra-se no processo de aprendizado e experiência vivenciado pelas pesquisadoras: Barros foi a pesquisadora que mais tempo dedicou ao projeto, tendo participado de praticamente todas as etapas da investigação; Heleno, por sua vez, foi a voluntária que vivenciou o trabalho de sistematização dos dados quantitativos. No seu relato, Ellen Barros afirma que, ao ingressar na equipe em 2012, já encontrou “a metapesquisa na finalização de um processo tentativo de construção de uma ferramenta

metodológica capaz de abarcar a complexidade do objeto de investigação e a amplitude do universo de análise (1.197 artigos)”. A participação de Ellen, desde então, foi importante para chegarmos à etapa final da metapesquisa, pois ela foi a responsável pela sistematização, ajustes e revisões necessárias ao sistema de classificação dos dados qualitativos do *corpus*. Ela também realizou a análise preliminar e as considerações dos eixos de investigação, sob minha orientação e participação em todo o processo. Vale destacar também que o pesquisador voluntário Max Oliveira participou da elaboração das considerações de cada eixo, o que consistiu numa análise preliminar dos textos. Barros, Oliveira e eu concentramos a tarefa da análise e interpretação dos resultados finais da pesquisa. O relato de Ellen Barros descreve com detalhes os desafios, os afetos, as angústias e ganhos com o conhecimento adquirido durante toda essa trajetória.

Já Bárbara Heleno, com a vivacidade e inquietação de uma jovem iniciante na pesquisa, nos conta como foi sua experiência de integração ao grupo e de participação do trabalho de sistematização dos dados quantitativos, somados à elaboração das análises preliminares dos resultados ao lado da também pesquisadora voluntária, Lílian Bahia. Heleno narra ainda seu estranhamento com o mundo acadêmico da pós-graduação, ao mesmo tempo que demonstra empenho em se adaptar a esse contexto – mesmo diante da decepção pela não publicação imediata dos resultados da pesquisa quantitativa.

Essas duas experiências foram instigadoras para a continuidade da trajetória acadêmica de Bárbara e Ellen, que, além de professoras do ensino médio, continuam vinculadas à Universidade. A primeira cursa graduação em História, e a segunda investe nos processos seletivos para doutorado e para docência na graduação em comunicação.

No terceiro texto Alana Claro, Stéfanni Meneguesso Mota e Luís Mauro Sá Martino – as duas primeiras são estudantes de Jornalismo e bolsistas de iniciação científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero e o terceiro, professor da graduação e pós-graduação em comunicação e jornalismo da mesma instituição – delineiam três conceitos de “Comunicação”. Eles se fundamentam nas discussões lideradas por Ciro Marcondes Filho, José Luiz Braga e Lucrécia D’Alésio Ferrara em encontros da Compós, particularmente no GT Epistemo-

logia da Comunicação e nos encontros anuais dessa Associação em 2010 e 2011. A partir da leitura crítica das principais produções desses pesquisadores, os autores identificam de que maneira cada um se insere na discussão a respeito das concepções de comunicação. Esse texto se dedica a refletir sobre os conceitos, contextualizando a discussão no cenário das proposições epistemológicas em circulação na área. Na conclusão, os autores promovem frutífera discussão acerca das ambivalências entre a “Comunicação” e o “Comunicar” – proposta por Ferrara.

No último texto da Parte II, Ângela Marques, docente do PPGCom UFMG, revisita aspectos da interface existente entre as reflexões desenvolvidas por Habermas e Foucault. O texto evidencia “que ambos elaboram abordagens complementares de crítica social a partir de uma preocupação ética acerca do modo como as instituições, as normas e os discursos podem, ao mesmo tempo, constranger os sujeitos e fornecer-lhes elementos para a modelagem de atos de resistência e autorrealização”. A partir de uma leitura rigorosa acerca das obras de dois dos mais importantes filósofos de referência para os estudos de comunicação, Marques ressalta suas distintas perspectivas tanto em relação à normatividade da organização social, quanto ao papel dos discursos na constituição de sujeitos políticos. Mas vai ainda mais longe e promove importantes aproximações entre eles, focalizando as noções de autonomia, emancipação e autorrealização dos indivíduos. Assim, o texto de Marques é um investimento inovador e criativo que percorre um terreno pouco investigado no campo dos estudos da comunicação, explorando suas convergências e distinções sobre os processos interacionais aos olhos de Foucault e Habermas. Para ela, esses dois autores “concordam que o sujeito não existe *a priori*, mas resulta de um processo de socialização por meio do qual sua individuação se configura relacionalmente”. Citando Tully, Marques destaca que o que vai diferenciar a abordagem dos dois filósofos é o tipo de relação que modela “o sujeito político autônomo”. Trata-se de texto denso, maduro e revelador das múltiplas e complexas dimensões que perpassam as interações comunicativas contemporâneas, abrangendo de forma fecunda e articulada questões éticas, políticas, filosóficas e comunicacionais. Ao incorporar outras frentes e fortunas teóricas, o texto nos oferece nova perspectiva para avançarmos na constituição do capital das interações comunicacionais e/ou mediatizadas.



O nosso intento é que esta publicação possa se somar a outros investimentos acadêmicos do campo voltados a produzir conhecimentos comunicacionais e a refletir criticamente sobre os processos interacionais emergentes na contemporaneidade. Outra expectativa é a de que as análises do *corpus* desta metapesquisa tenham superado a mera descrição e alcançado o propósito de capturar a diversidade de perspectivas comunicacionais que se debruçam sobre os processos interacionais. Cientes dos limites e das dificuldades enfrentadas ao longo do seu desenvolvimento e finalização, concluímos a metapesquisa com a certeza de que ela representou um aprendizado que se deu mais por tentativas, descobertas e ensaios do que pela certeza de termos encontrado um capital teórico das interações comunicacionais e/ou midiaticizadas consolidado e cristalizado.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: Encontro Anual da Associação da Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 15, 2006. Bauru (SP) [Texto apresentado ao GT de Epistemologia da Comunicação].
- BRAGA, José Francisco; SANTOS, José Milton; MATTOS, Maria Ângela. Relatório final da pesquisa “Encontros e desencontros com o saber Comunicacional: um estudo da trajetória dos projetos experimentais da PUC Minas. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da PUC Minas, 2009, 150 f.
- CHAUÍ, Marilena. A universidade operacional. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 9/5/1999, p. 3-5).
- FUENTES NAVARRO, Raúl. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. In: *MATRIZES* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), V. 1, out. 2007, p. 165-177. São Paulo: ECA/USP, 2007.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.